

O que há pra vir o que tem de ser

por José Miguel Bastos

E agora?

Acordou pela primeira vez em muito tempo abraçada ao lado frio da cama, com a cidadezinha à segunda feira a esfregar-se do seu ar e do que nele arde, num silêncio que interrompeu anos de locutores pelas sete certas a enxotá-la de mansinho até onde tinha de ir para limpar as unhas e pôr cornos ao diabo.

E agora?

Estou ainda aqui

nestes solilóquios em que a grande marquesa é a cadeira mais dura, olha-se no espelho aquilo que nos convém. O calor vem do fundo, dali donde fez filhos à canzana como criatura de esgoto e mudou o corrimento aos lençóis, donde andou de gatas a apanhar pêlos de barba e sangue e a pôr calço na cabeceira para nivelar o salmo noventa e um ao escuro, a bíblia aberta ao deus dará numa modorrenta oração que lhe meteu a filha na faculdade pública, e pôs mão firme ao cirurgião que lhe abriu o marido para o ir salvar por dentro por entre afastadores em peregrinação contida até a fechar definitivamente junto dos dicionários, dos suplementos dos jornais e dos poetas vizinhos à terra, lá onde não estorva ao pó. E logo todo esse calor como fundo se dissolve no vapor do banho tomado. Procura então um melhor ângulo. Nenhum. Procura procura por entre os cantos e tudo o que encontra é o ressoado de si mesma e um tempo, um tempo que vai enquanto se tenta adivinhar quanto da vida já se fechou, que fica claustro entre a sucessão de coisas a fazer nos lugares a que se tem de ir e que deixa apenas as rugas a assombrar o resto ou coisa nenhuma que por qualquer sorte há de vir mais a pergunta de quanto tempo cabe em cinquenta e quês escarnecidos anos pois resolvida a vida a uma equação talvez caiba e-xa-ta-men-te toda a sua eternidade.

São quantos? E oito? Feliz aniversário. E o soalho é o mesmo e havendo quem o esfregue ainda há de brilhar. Foi ela quem mais se desgastou mesmo só se tendo dado na medida certa que podia. Os olhos bem dormidos continuam papos escuros de cansaço e desdobram essa coisa de estar *velha, grisalha e vencida pelo sono* sem sequer ainda ponta de grisalho porque para saber precisamente quando não importa se se esconde em técnicas de coloração baratas tampouco se guarda a grande poesia em gavetas por cima das verdades do mundo, basta um espelho fosco e quem se olhe nele enrolada numa toalha que segura tudo o que murcha num corpo feito do entulho dos anos, e duas mãos que a atirem ao chão para procurar um cancro em cada mama. E agora querem obrigar isto a ficar vivo? Ela já quase pronta para se deixar cheirar a velha e sentar os ossos em croché a queixar-se da morte sabendo que ela se começa por trás a escutar todo o queixume de um canto qualquer com os gestos da sua mãe a vincar trapos e a perguntar-lhe o porquê de se ter desperdiçado não num homem, mas naquele prognata estúpido e sem maneiras, sabendo que por aqui e por estes tempos há muito mais do que aquilo que lhe foi prometido COITADA, que até ser minha senhora ó minha senhora para

as meninas da misericórdia embrulhada em paninhos quentes, viveu toda a vida de cócoras no rebordo da pocilga a salpicar farelos em botas gastas para à noite ter um pires de migas e batata metido da boca ao bucho dos meninos. Ela já quase pronta para ficar louca em paz. Para confundir medicamentos com ciáticas, a sua solidão enrijecida pela surdez com o primeiro amor provençal que lhe falava baixinho por entre os dedos assim que o pimba começava do outro lado do adro. Para ter medo dos alzheimers agarrada a álbuns de veludo onde estão todas elas mãe, avó e tias várias a desfolhar em calo na eira de espigas, com os moços à caça do rei magenta e dos beijos; tenham todos dó da senhora que há de não tarda velhinha tratar varizes e reumáticas debruçada sob chás de aloé vera com a chávena a tremelicar-se em ondinhas na colher enquanto conta

um por um
len ta men te todos aqueles que a vão deixando só
ao lume.

No entretanto força-se a manhã no rosto caído e pálido por inteiro que se vê dispor do seu tesouro as ninfas naquela ordem mística maybelline kiko l'oreal vindas em adoração de um mesmo Leste antigo. Chega-se a si com coragem ampliando as suas imperfeições que são o patíbulo de ter chegado a tanto, o que se extrai de se engasgar devagarinho no quotidiano, e cerra os caninos rotos numa pêra que à falta do pêssego também faz o serviço apesar de com qualquer coisa a menos. Vestida da melhor renda abafada por um mofo fino que a consome desde o casamento da sobrinha e um pincel, raspa a palidez desencavando a cor-de-marfim numa demorada demão onde tudo resto assente enquanto a fruta se oxida ali ao lado e o hálito se regenera desde o fundo da traqueia. Um corretor espesso acende uma luz por debaixo dos olhos confundindo as raízes com penas, um aconchego na bochecha que cheira a baunilha mas não sabe a baunilha e lhe ressalta os ossos molares, e uma sombra que lhe vai amassando o nariz até que se pareça com um de mulher. Queima as pálpebras num halo quase laranja. Prolonga as pestanas e o sorriso, arranjando-o num batom escarlata que da última vez que deu uso ainda não lhe haviam gretado os lábios e esses outros eram finos e beijavam. Cruzando-se por fim com a sua figura ainda baça sobre a tela com um olhar monómio voltado adentro, notou um pequenino brilho no reflexo que a fez engolir a beleza das coisas tristes. O rádio ligou-se e o que há momentos lhe repetia o seu desamparo dá-lhe agora a menina vaidosa no dia 25 a estrear as meias e os pompons a caminho da missa do galo, tendo com quem estar, com quem dançar e quem lhe segure o tempo e a ouça cantarolar uma outra estirpe de humilhação.

Estamos ainda aqui

não tão velhas assim. Mulheres velhas vestem malha daquele aborrecimento púrpura e não se atrevem pensar comer um pêssego pela manhã antes de subir de salto à carreira.

- É um e meio

em duas moedas ao tablier do motorista de mão na pança suada que emitiu o bilhete e uma tentativa de lhe sentir o creme da mão olhando-a com desejo de alto a meio com os mesmos olhos o mesmo aperto e o mesmo trocado de quando parou pela primeira vez o carro na berma de uma estrada nacional num final de tarde escuro para se

desencantar, adiante as reformadas com o cu muito afastado das costas olharam-na com a estranheza com que se olham matrioskas numa mercearia, reminiscentes de quando as pulseiras prata de lei lhes ficavam à larga antes dos inchaços e das consultas de cardiologia, e a cadela era viva e mijava onde as comadres se sentavam ali no saguão, mijava as primeiras pinguinhas a linguarejar o tegumento preto do nariz e logo uma palma engelhada num safanão bem dado mas o bicho sem aprender, o contabilista com o nariz e as orelhas atulhados da meia idade olhou-a a pensar que boa tão boa o que eu te fazia, mas não aqui, no motel mais barato com uma coxa entre cada mão e os saltos a abanarem-se nos meus ombros, e a puxar a pasta ao colo para se tapar de toda a gente. O melhor era não se ter divorciado quanto mais não seja poupava-se a chatice aos miúdos e a solidão triste de chegar do escritório a camas por fazer ou aos ecos do seu próprio catarro, a menina da caixa de supermercado olhou-a como quem olha de baixo uma daquelas mulheres de espírito superior que estabelecem o tom para todas as outras num momento em que se esquece o absurdo e os estados da alma, o desempregado olhou-a a lembrar-se da sua mãe mais bonita até, mas decerto incapaz de fritar umas pataniscas daquelas que se repetem até à salsa se colar à gengiva, e as rapariguinhas do colégio com os seus peitinhos imarcescíveis olharam-na com a mesma indiferença que olham o brilho metálico na tenaz com que a senhora do bar ajeita os bolinhos de arroz na montra para os intervalos. E ela fingia focar-se em frente alheia a todo aquele bruxulear de olhos, buscando um lugar ao fundo na esperança que as cabeças se voltassem no mesmo ritmo lento do seu passo, enquanto escondia o rasgo dos lábios na sua garganta de miúda que um solavanco de marcha quebrou.

A reformada a comentar sobre o dia ótimo; e os cochichos e as músicas entre ruído branco e as paisagens e as paragens e logo a cidade do lado e o motorista a fechar-lhe a porta no reflexo do retrovisor à espera que o vento quente do motor levantasse a orla rendada do vestido à passagem. Largada ali com um sol que queima a queimar a queimar foram só passos e pode ser já aqui numa

ourivesaria com vitrines a dar para a cor do ouro da prata e do pechisbeque, ponteiros apontados a coisas de santos de emigrantes e a uma empregadita recostada a meditar sob papéis de contabilidade que logo se dispõe a ajudar a minha senhora num chelique falando-lhe de como tinha ficado mais airoso o dia agora com a presença que sua excelência radia. Minha senhora deseja ver ouro pra si mesma, um fiozinho não muito fino não muito grosso que lhe traga aconchego ao peito e ao pescoço. Mostra-lhe logo o que há e o há muito de bonito desde a linha simples ao entrançado, enquanto falam inevitavelmente sobre o calor fora de época, a ocasião do seu próprio aniversário e a mudança para o leite de soja que fez com que lhe fossem embora as cólicas à noite

quando as interrompe um senhor de relógio ao pulso e um outro na palma. Minha senhora logo insiste que lhe despache a pilha nova enquanto ela vê o que melhor lhe serve e mexe muito. Mas ela diz que não que não, que meu senhor espera naturalmente pela sua vez enquanto se trata desse fiozinho e a meio da trapalhada de insistências entram por lá dentro mais duas mãe e filha que perguntam por cima de todos por uma prenda pra prima tão pequenina acabadinha de nascer ainda cruorina quer ver uma

fotografia eu mostro-lhe olhe aqui esta bonequinha com a empregadita ainda à roda co' a coroa

(esteja à vontade)

- Esteja à vontade

A casa cada vez mais pequena de tão cheia e ela ainda a mexer, com a empregadita a contar de relance os fios no mostrador não fosse um cair-lhe na mala sem querer acontece, tanto que já aconteceu

(lá se foi o meu senhor)

- Vamos lá escolher essa prendinha

Mas não a da minha senhora, ainda não é melhor despachar a prendinha das outras que ela não tem pressa tem tempo e treme um pouco ainda

(uma molinha para a chucha com o nome da menininha gravo-o já)

-Esteja à vontade

(a recontar de relance)

Por fim de novo a sós mexeram mais mexeram ambas e experimentaram várias, (os ponteiros foram andando)

mas minha senhora apesar de inclinada a uma ou outra decide-se a não levar nada. Para já. Talvez volte na próxima semana com um prognata que lhe aprove a escolha.

E foi de boca enleada e de pés virados à porta que se viu pedir o tal favor por favor, que lhe esteve na nuca o tempo todo escondido pela vergonha

– Era a ver se me podia meter aqui um carimbo de como lhe vim pedir trabalho - levantado uma folha que parecia ali ter estado sempre no canto da mão – vou lá em breve e tenho de lhes mostrar seis. A empregadita começou por negar. Se ela soubesse a praga de desgraçados que todos os meses lhe aparecem ali à porta e se não vai levar nada, muito menos o ouro, ia ter ela de lhe levar ao menos uma nota das pequenas pelo carimbo. E não é má vontade, explicou-lhe

- É política da casa.

E agora?

Perdida em si que nem uma pequenina parte de um ponto percentual à procura de um cravo para se revoltar contra as boas mãos que a governam, levantou o nariz da pochete contrafeita avistando do outro lado da rua, por entre as gentes norteadas, uma velha a passear uma corcunda e uma graça muito familiar. Eis senhora dona, por quem perguntou durante anos e anos com uma ternura tocante recebendo sempre a mesma resposta de que estava pra lá da sebe branca e das margaridas consigo mesma. Ensinou-lhe quando moça tudo de lacticínios maquinarias e processos fabris por cima de uma depressão profunda que lhe diagnosticaram quando o Simões ou o Semedo ou outro qualquer que os anjos operários não têm nome, passou ao lado das marteladas e a encontrou fechada numa arca à procura da hipotermia estendida ao comprido com o zumbir do motor e o estropear arrependido do punho condensados no ar; e atiraram-na assim mesmo ainda tartamelando para a pensão de invalidez de onde passou a regar os morangos e os mirtilos com um cuidado celestial até a osteoporose exigir que se

inclinasse ao chão numa reverência eterna a quem a salvou de uma desgraça para lhe dar uma outra, a de acariciar frutos desde a semente à espera de uma doença grave que se teima em demorar. Assim que as suas presenças se cruzaram levantou a mão à senhora dona num sorriso, não como quem acena, mas como quem se vê sozinha a afogar abraçando valerosa o que há pra vir o que tem de ser.

FIM